

Falta de desinfetantes e máscaras preocupa farmacêuticos de todos os concelhos da ilha de São Miguel

Para além destes produtos que se revelam eficazes no combate à propagação do Covid-19, também o doente crónico tem procurado aviar o máximo de receitas possível, o que na opinião dos farmacêuticos acontece derivado ao medo que as pessoas têm de uma eventual escassez de medicamentos no mercado.

Ao longo das últimas duas semanas tornou-se notória a grande afluência de pessoas à grande parte das farmácias da ilha de São Miguel, por intermédio das extensas filas que agora tomam lugar no exterior das mesmas, sendo esta uma das medidas de segurança face à propagação do novo coronavírus impostas pelo plano de contingência criado a nível nacional pela Ordem dos Farmacêuticos.

Entre os pedidos mais habituais dos clientes que enchem a fachada das farmácias, conforme relatou a maioria dos farmacêuticos contactados ontem pelo Correio dos Açores, estão desinfetantes, máscaras, álcool e luvas.

De todos estes, aquele que é ainda mais fácil de encontrar são as luvas, no entanto, para além das máscaras, os restantes materiais encontram-se já esgotados há mais tempo, tal como os termómetros, que já muito dificilmente são encontrados à venda, como esclarece Isabel Resendes, farmacêutica na Farmácia Moderna, em Ponta Delgada.

Ontem, adiantou, as farmácias foram novamente abastecidas com álcool de 96%, esperando-se que hoje recebam álcool de 70%.

No entanto, no final da manhã de ontem foram feitas várias vendas deste produto, uma vez que “na maioria dos atendimentos as pessoas pedem sempre por álcool ou por máscaras”, notando ainda que cada vez mais pessoas andam na rua protegidas, o que pode ser um reflexo da preocupação que sentem em relação ao novo coronavírus.

No dia de ontem, o primeiro depois de declarado o estado de emergência nacional, a farmacêutica salientou que o movimento de clientes era mais calmo e mais ordeiro, derivado ao atendimento que, à semelhança das outras farmácias, tem vindo a ser realizado por intermédio de postigos, a um cliente de cada vez.

“O movimento nas últimas semanas aumentou drasticamente, principalmente no final da última semana até esta Segunda-feira. A partir de ontem iniciou-se a venda apenas pelo postigo a apenas uma pessoa de cada vez e notamos que o movimento está mais calmo e que está a ocorrer de forma mais ordenada, as pessoas estão a aceitar e a cumprir as regras que estamos a colocar”.

Esta acalmia, pelo menos numa das farmácias mais centrais de Ponta Delgada, deve-se ao facto de entretanto as pessoas terem já acumulado a maior parte dos medicamentos que necessitam, uma vez que nos últimos dias a tendência era que



As filas nas farmácias continuam dada a grande afluência e as restrições no atendimento

as pessoas pedissem “medicamentos para mais do que um mês, principalmente no que diz respeito a medicação crónica e a medicamentos como o Paracetamol”, diz.

Na Ribeira Grande, mais propriamente na Farmácia Central, os principais pedidos têm também ido neste sentido, assegura Teresa Almeida Lima, notando que no norte da ilha de São Miguel “as pessoas estão realmente preocupadas, fazem afluência à farmácia mas de uma forma desmedida apenas na procura por Paracetamol, desinfetantes e álcool”.

“As pessoas querem ter esses produtos em casa, mas ainda não acontecem situações como no continente de as pessoas levarem medicamentos para quatro ou cinco meses. Uma ou outra pessoa previne-se com mais alguma medicação para não ter que sair de casa e ao nível desse fluxo está tudo normal”, tranquiliza.

Apesar da dificuldade em garantir material como desinfetantes e máscaras, a farmacêutica e delegada para os Açores da Associação Portuguesa de Farmácias salienta que ainda há muito stock de vitamina C, Paracetamol e que também a Sinaga forneceu recentemente as farmácias com mais álcool.

PSP alertada para intervir junto de utentes na Povoação

Na Farmácia da Misericórdia, que abastece um total de seis freguesias no



Gel, máscaras e álcool com ruptura de stock

concelho da Povoação, Maria de Deus realça que tem sido preocupante a ausência de material, sendo que actualmente esta farmácia se encontra também impedida de fazer o seu próprio desinfetante.

“Já estamos há cerca de 15 dias sem desinfetantes e máscaras e se nada for feito vamos ter muitos mais casos de coronavírus. Pelo que sabemos também as

outras farmácias não têm desinfetantes e máscaras, e nós nem temos a matéria-prima para os fazer. Temos água purificada mas falta-nos o álcool e a glicerina já é pouca”, diz.

Para a técnica de farmácias que trabalha a favor da Santa Casa da Misericórdia da Povoação este é um cenário preocupante, na medida em que foi avançado pela co-